



## O uso de *chunks* com o verbo *get* por falantes da Língua Inglesa como L2

Gláucio Geraldo Moura Fernandes<sup>1</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

**Resumo:** *Os chunks têm ganhado considerável atenção e empenho de pesquisa no campo de ensino/aprendizagem de L2. Muitos pesquisadores advogam o uso dos chunks no desenvolvimento da proficiência de aprendizes de língua inglesa L2, baseando-se na idéia de que uma parte importante da aquisição de línguas é a habilidade de compreender e produzir frases lexicais como um todo não analisável, ou “chunk”, e que esses chunks são percebidos por aprendizes como padrões da língua. Neste trabalho, buscamos observar os caminhos que levam à aquisição, compreensão, e produção de chunks em língua inglesa L2. Para isso, nos embasamos em teóricos que propõem que as línguas podem ser agrupadas em categorias diferentes e traçam uma distinção tipológica entre línguas verb-framed e satellite-framed, assim como aqueles que dialogam a respeito da hipótese da transferência de língua e a respeito do uso de chunks para a aquisição de L2. Esse trabalho busca investigar o uso de chunks com o verbo get na formação de sentenças em inglês por parte de aprendizes e a correlação do seu uso para o português. Nessa perspectiva, observaremos a construção desses chunks tanto em uma língua satellite-framed, quanto em uma língua verb-framed. Como objetivo desta pesquisa, buscaremos observar o uso de chunks com o verbo get por falantes da língua inglesa como L2 e atribuir uma relação com a língua portuguesa L1 e a língua inglesa L1. Metodologicamente, o trabalho segue a orientação da Linguística de Corpus, sendo que os dados serão analisados por ferramentas de corpora e softwares disponíveis.*

**Palavras-chave:** chunks, línguas Satellite-framed e Verb-framed, língua inglesa L2.

**Abstract:** *Researchers have given considerable attention to chunks in the studies of L2 learning/teaching. They admit that the use of chunks develops learners proficiency in English as a L2, based on the idea that an important part of the languages acquisition is the ability of understand and produce lexical phrases as an analyzable thing, or “chunk”, and that these chunks are noticed by learners as the language pattern. In this paper, we observe the ways that lead to acquisition, comprehension, and chunk’s production in English as L2. We were based on researchers that propose that languages can be grouped in different categories and make a typological distinction between verb-framed languages and satellite-framed languages, as well as researchers that talk about the language transfer hypotheses and the use of chunks in the L2 acquisition. This paper tries to investigate the use of chunks with the verb get in construction of sentences in English by learners and their use in Portuguese. In this perspective, we will observe the construction of these chunks as in a satellite-framed language, as in a verb-framed language. Our objective is to observe the use of chunks with the verb get by English L2 speakers and develop a relation with the Portuguese L1 speakers and the English L1 speakers. Methodologically, this paper follows the Corpus Linguistics orientation, and the data will be analyzed by corpora tools and available softwares.*

**Keywords:** chunks, Satellite-framed and Verb-framed, English L2.

---

<sup>1</sup> glauciocalama@yahoo.com.br



## 1. Introdução

Neste trabalho abordaremos a aquisição e o uso de certas ‘construções’ que representam um todo lexical em língua Inglesa, ‘construções’ estas cujos núcleos são verbos que indicam movimento, especificamente aquelas formadas pelo verbo *get*. Essas construções, também conhecidas como *chunks*, servirão como objeto de nossa pesquisa, nos fazendo refletir a respeito da sua aprendizagem por estudantes de Inglês L2<sup>2</sup>.

Os *chunks* como um tipo de regularidade da língua no nível da forma e do significado, têm ganhado considerável atenção nos últimos anos nos estudos linguísticos em geral e no campo de ensino/aprendizagem de línguas em particular. Segundo Chang e Bao (2008), muitos pesquisadores advogam o uso dos *chunks* no desenvolvimento da proficiência de aprendizes de L2. Para esses autores, tal fato se baseia na idéia de que uma parte importante da aquisição de línguas é a habilidade de compreender e produzir frases lexicais como um todo não analisável, ou seja, um “*chunk*”, e que esses *chunks* são percebidos por aprendizes como padrões da língua tradicionalmente pensados como ‘gramática’<sup>3</sup>.

Carrol (2000 *apud* Chang e Bao, 2008) argumenta que uma parte de nossa memória denominada de *memória de curto prazo*, por ser muito limitada no tamanho, pode sustentar poucas unidades de informação. Contudo, podemos aumentar essa retenção de informações agrupando pedaços individuais de informação em unidades maiores, e é a esse processo que damos o nome de *chunking*. Perspectivas lexicais defendem que a língua é constituída por *chunks* significativos que, quando combinados, produzem textos coerentes. De acordo com Chang e Bao (2008), os *chunks* de uma língua podem ser compreendidos e produzidos com pouco esforço e pouco processamento.

Por esse viés, buscamos, em nosso trabalho, observar os caminhos que levam à aquisição, compreensão, e produção de *chunks* em língua inglesa. Para isso, revisaremos trabalhos anteriores que tratam essas mesmas construções, denominando-as ‘verbos frasais’. Posteriormente, nos embasaremos em teóricos que tratam a diferença entre línguas

---

<sup>2</sup> A sigla L2, que significa Segunda Língua, será utilizada no decorrer do trabalho com o significado de Língua Estrangeira e Segunda Língua indiferentemente.

<sup>3</sup> Nesse caso, os aprendizes salientam o *chunk* como uma unidade gramatical cujo significado é dado pelo todo e não pelo sentido individual de cada uma das partes que o compõe.



orientadas para o enquadramento verbal (*verb-framed*) e línguas orientadas para o enquadramento via partículas (*satellite-framed*)<sup>4</sup>, assim como aqueles que discutem a hipótese da transferência de língua, levando-se em consideração a Linguística de Corpus como aporte metodológico. A partir da leitura, faremos uma coleta de dados com o propósito de construirmos uma análise de *chunks* com o verbo *get*, dados estes que serão analisados à luz de parâmetros explicitados no trabalho, procurando responder às questões que norteiam a presente pesquisa.

## 2. Justificativa

O interesse por este trabalho surge da minha experiência como professor de inglês L2. A questão relacionada aos *chunks* muito tem me chamado a atenção, principalmente com relação à forma através da qual estruturas são adquiridas por aprendizes do inglês L2.

A aquisição de *chunks*, na aprendizagem do inglês L1<sup>5</sup>, é considerada de fácil compreensão e produção por autores como Chang e Bao (2008). Por outro lado, para muitos outros autores, tal como Ellis (2003), é vista como um desafio para os aprendizes de Inglês L2.

Pesquisadores que trabalham numa perspectiva cognitiva, baseada no uso e na aquisição de línguas, como Ellis e Ferreira-Junior (2009), abordam padrões de frequência e aprendizado. Segundo eles, se a aprendizagem se dá a partir da exposição a construções particulares e do contato com uma determinada língua, então os aprendizes deveriam adquirir construções de alta frequência antes daquelas de menor frequência, e aqueles aprendizes de níveis mais avançados deveriam apresentar capacidade de construir estruturas a partir de fórmulas já memorizadas.

A proposta aqui apresentada, inspirando-se em pesquisas recentes a serem citadas na revisão bibliográfica, busca investigar o uso de *chunks*, mais precisamente os *chunks* com o verbo *get*, contrastando o seu papel no inglês L1 e o dos seus correspondentes em português L1, com fins à compreensão do seu uso no inglês L2 de falantes nativos de português L1. Nessa

---

<sup>4</sup> Os conceitos de línguas *verb-framed* e línguas *satellite-framed* serão explicados na sessão de Fundamentação Teórica. Tal qual SAMPAIO, SILVA E SINHA (2005), por convenção da literatura, manteremos estes termos em Inglês.

<sup>5</sup> A sigla L1 significa Primeira Língua e/ou Língua Materna.



perspectiva, observaremos a construção desses *chunks* tanto em uma língua *satellite-framed* (no caso do inglês) quanto em uma língua *verb-framed* (no caso do português).

Como professor, venho percebendo que há uma grande dificuldade por parte dos estudantes de inglês L2 na construção de *chunks* com o verbo *get* e, buscando por trabalhos a respeito destas construções, cheguei à conclusão que não há estudos que abordem esse tópico em particular. Sendo assim, evidenciamos o caráter inovador da nossa pesquisa.

Esta pesquisa trará contribuições para a melhor compreensão do uso de *chunks* tanto no inglês, uma língua germânica, quanto no português, uma língua românica, assim como para a ampliação de formulações teóricas a respeito da aquisição de L2. Contribuições também surgirão no campo da Linguística de Corpus, já que os dados obtidos durante o trabalho serão analisados à luz de ferramentas e softwares disponíveis para esta tarefa.

A fim de se conhecer estas construções, sua aquisição e seu uso, esta pesquisa se justifica:

- Pela relevância em se averiguar como se dá a aquisição de tais expressões;
- Pela importância de se observar como os aprendizes usam tais expressões;
- Pela aplicabilidade do material resultante dessa pesquisa.

### 3. Objetivos e perguntas de pesquisa

O objetivo central desta pesquisa é identificar o uso de *chunks* com o verbo *get* em construções de movimento por aprendizes brasileiros de inglês L2. Esta tarefa se desdobra, necessariamente, em um estudo contrastivo entre três tipos de dados:

- corpus de inglês L1 como fonte de ocorrências de *chunks* produzidos por falantes nativos;
- corpus de português L1 como fonte de ocorrências de construções verbais de movimento produzidas por falantes nativos;
- corpus de inglês L2 como fonte de dados a serem analisados em cotejamento com os dois corpora anteriores com fins ao estabelecimento de potencial transferência linguística de L1 (português) para L2 (inglês).

Os objetivos específicos desta pesquisa são:



- Analisar as produções escritas dos participantes da pesquisa (aprendizes brasileiros) no intuito de se observar o uso dos *chunks* em inglês L2;
- Observar o comportamento dos *chunks* na língua inglesa L1 e seu contraste com os verbos de movimento encontrados na língua portuguesa L1, atentando para como os aprendizes de inglês L2 fazem uso dessas estruturas;
- Traçar hipóteses explicativas para os padrões encontrados no uso do inglês L2.

#### 4. Fundamentação teórica

Considerando que este projeto busca investigar o uso de *chunks* formados pelo verbo *get* por aprendizes de inglês como L2, apresentaremos, primeiramente, uma abordagem mencionando trabalhos que tratam das construções ‘verbos frasais’, passando, logo após, a discorrer a respeito das línguas *satellite-framed* e *verb-framed*. Ao final, faremos uma abordagem referente à aprendizagem da L2 via *chunks*.

##### 4.1 As Construções ‘Verbos Frasais’

Linguistas com interesse de estudo em gramática (cf. VINCE, 1999, 2000; NELSON, 1996; BEAUMONT & GRANGER, 1992; MURPHY, 1997, 2004), os quais possuem uma abordagem focada na forma, tratam os ‘verbos frasais’ de modo a apresentar sua estrutura e explicitar o seu uso.

Segundo Beaumont & Granger (1992), ‘verbos frasais’ são verbos que mudam seus significados, de alguma forma, ao lhes serem acrescentadas partículas tais como *down*, *away*, *on*, *in*, *up*, *after*, *off*, *across*.

Há quatro tipos básicos de ‘verbos frasais’:

- O primeiro tipo é representado por aqueles que não tomam um objeto.

Verbo + partícula

***Sit down***

***Look out!***



- O segundo tipo é composto por aqueles que tomam um objeto.

Verbo + partícula + objeto

I'll **throw away** the rubbish

**Take off** your shoes.

Verbo + objeto + partícula

I'll **throw** the rubbish **away**

**Take** your shoes **off**.

- O terceiro tipo é formado por aqueles que tomam um objeto, mas nos quais não se pode separar o verbo da partícula.

Verbo + partícula + objeto

Sue **takes after** her mother (Não: \*Sue **takes** her mother **after**)

- O quarto tipo é composto por três partes: um verbo + partícula + preposição como, por exemplo, *look after to*. Não podemos separar o verbo das outras partes.

Verbo + partícula + preposição + objeto

I'm **looking forward to** the weekend.

Já outros autores, tais como Nelson (1996), incluem à explicação precedente o fato de que, algumas vezes, podemos entender um 'verbo frasal' por meio de suas partes em separado, como no exemplo

Please, **pick up** those papers





onde **pick** significa *pegar* e **up** significa *para cima*, ou seja, *apanhar alguma coisa*, no caso da frase acima *aqueles papéis*.

Em outros casos, como

*They **put out** the fire*

o significado das partes em separado não é claro, pois **put** significa *colocar* e **out** significa *para fora*, ou seja, *colocar algo para fora*, no caso da frase acima *o fogo*. O significado do ‘verbo frasal’ nessa frase seria *fazer o fogo parar de queimar*.

Além disso, Nelson (1996) também acrescenta que alguns ‘verbos frasais’ têm mais de um significado, como os exemplos:

*The bomb **went off**. (It exploded)*

*The lights **went off** last night (They stopped working)*

*The milk **went off** last week (It went bad)*

Vince (2000, p.144) traz a seguinte explicação a respeito do uso dos ‘verbos frasais’: “O termo ‘verbo frasal’ é usado para designar os verbos seguidos por uma ou mais preposições, sendo também chamados de ‘*multi-word verbs*’. Os significados dos ‘verbos frasais’ não podem ser dados apenas pelo significado do verbo”.<sup>6</sup>

A partir daí, o autor expõe o que já foi descrito por Beaumont & Granger (1992) acima. Há verbos com três partes, ou seja, aqueles ‘verbos frasais’ seguidos por um objeto. Vince (2000) também explica que os ‘verbos frasais’ são compostos por diferentes tipos. Segundo o gramático, estes verbos podem vir seguidos por um objeto ou o objeto pode vir entre o verbo e a preposição.

Murphy (1997, 2004) apresenta a mesma formação dos ‘verbos frasais’, definindo-os como verbos seguidos de palavras tais como **in, on, up, away, round, about, over, out, off, down, back, along, forward**, etc., deixando claro que algumas vezes eles podem vir seguidos

---

<sup>6</sup> The term phrasal verb is used here for verbs followed by one or more prepositions. They are also called multi-word verbs. Their meaning cannot usually be guessed from the meaning of the verb on its own.



por preposições – *Why did you **run away from** me?* – assim como seguidos por objetos – *I **turned on the** lights.*

Autores com foco na abordagem comunicativa, tais como Celce-Murcia & Larsen-Freeman (1999) tratam as construções verbo + partícula, explicitando a partícula que segue o verbo como uma simples preposição ou um termo de fundamental importância para o entendimento da sentença, formando assim o ‘verbo frasal’. Segundo estes autores, lidar com ‘verbo frasal’ é lidar com uma estrutura muito difícil para estudantes de inglês L2, pois o seu significado é frequentemente não-composicional, ou seja, o aprendiz pode saber o significado do verbo e o significado da partícula, mas quando colocados juntos, o significado único não é estabelecido. Outra hipótese para a dificuldade dos estudantes de inglês L2 aprenderem estas estruturas é que poucas línguas não-germânicas têm ‘verbos frasais’. Vem daí os estudantes acharem tais estruturas estranhas e difíceis. Mas, apesar dessa dificuldade, é notório que ninguém pode falar ou entender Inglês, pelo menos no registro informal, sem o conhecimento dos ‘verbos frasais’. Pelo fato de não perceberem isso é que alguns falantes não-nativos tendem a usar itens lexicais simples onde ‘verbos frasais’ seriam muito mais apropriados, como, por exemplo, em:

- a. I **arose** early this morning.
- b. I **got up** early this morning.

Apesar de a sentença a possuir um significado satisfatório, não é a forma apropriada numa conversação por não fazer parte do registro informal.

Outro desafio no aprendizado envolve condições que governam a separação opcional ou obrigatória entre os verbos e as partículas dos ‘verbos frasais’ usados transitivamente.

- a. **Turn out** the lights.
- b. **Turn** the lights **out**.

Nesses dois exemplos a separação entre o verbo e a partícula é opcional, tendo em vista que o objeto direto não é um pronome.

Já nos exemplos





- c. **Turn** them **out**.
- d. \***Turn out** them.

a separação é obrigatória já que o objeto direto é um pronome.

Dessa forma, é possível observar que, na abordagem utilizada por Celce-Murcia & Larsen-Freeman (1999) são apresentadas razões de uso dos ‘verbos frasais’ e não regras.

Gramáticos que possuem um enfoque em corpora, ou seja, aqueles que buscam analisar as palavras extraídas de textos falados e/ou escritos, como Biber *et al* (2007, 2010), evidenciam que muitas unidades formadas por múltiplas palavras funcionam como verbos simples. Tal combinação de palavras tem, normalmente, um significado idiomático, ou seja, seu significado não pode ser dado por meio do significado de cada palavra em separado. O ‘verbo frasal’ é uma das classes dos verbos *multipalavras*.

Segundo Biber *et al* (2007, 2010), os ‘verbos frasais’ consistem em um verbo seguido de uma partícula adverbial (*verb + adverbial particle*), como por exemplo *carry out*, *find out*, *pick up*. Quando estas partículas adverbiais são usadas independentemente, elas têm sentidos literais que significam localização ou direção, como por exemplo, *out*, *in*, *up*, *down*, *on*, *off*.

Biber *et al* (2007, 2010) classificam duas subcategorias de ‘verbos frasais’: intransitiva e transitiva. Exemplos de ‘verbos frasais’ intransitivos são:

***Come on**, tell me about Nick.*

***Hold on!** What are you doing there?*

*I just **broke down** in tears when I saw the letter.*

Já exemplos de ‘verbos frasais’ transitivos são:

*Did you **point out** the faults on it then?*

*I ventured to **bring up** the subject of the future.*

*I want to **find out** the relative sizes of the most common dinosaurs.*

Os ‘verbos frasais’ transitivos permitem o movimento da partícula, ou seja, esta pode vir antes ou depois do objeto da frase. Como exemplo temos:



*I've got to **get** this one **back** for her mom.*

*I went to Eddie's girl's house to **get back** my wool plaid shirt.*

Já os 'verbos frasais' intransitivos possuem significados além dos significados individuais das palavras que os compõem. Temos como exemplo *come on, shut up, get up, break down, grow up, set in*, etc. De acordo com Biber *et al* (2007, 2010), os 'verbos frasais' intransitivos mais comuns são aqueles que representam uma atividade, como *get on, look out, move in, step up, walk in*.

Com relação à produtividade dos verbos e das partículas adverbiais, os verbos que são mais produtivos em se combinar com partículas adverbiais para formar 'verbos frasais' estão entre os verbos lexicais mais comuns. Dentre eles, podemos citar os verbos *take, get, come, put, go*.

É a partir das abordagens a respeito dos 'verbos frasais' adotadas pelas gramáticas de referência que surgem os estudos baseados em *chunks*, principalmente no que se refere à produtividade de construções verbo + partícula.

Pelo fato de a abordagem dos estudos tradicionais possuir uma análise dos 'verbos frasais' limitada à forma, a opção teórica por nós adotada neste trabalho vai abordar a funcionalidade e uso dessas construções, construções estas que serão chamadas ao longo do trabalho de *chunks*, usando assim a terminologia proposta por Ellis (2003).

Sendo assim, nos utilizaremos dessas construções – *chunks* – buscando entender como a sua aquisição por aprendizes de Inglês L2 se dá, contribuindo, assim, para a expansão do escopo dos estudos tradicionais, os quais possuem uma abordagem primordialmente focada na forma.

#### **4.2 Línguas *Verb-framed* X Línguas *Satellite-framed***

A organização lingüística de eventos de movimento pode ser realizada de maneiras diferentes, em línguas diferentes. No entanto, segundo Sampaio, Silva e Sinha (2005), a organização dos eventos de movimento pode ser descrita num conjunto bastante limitado que ampara padrões universais. Talmy (2000) propõe que as línguas podem ser agrupadas em duas categorias diferentes e traça uma distinção tipológica entre línguas *verb-framed* (VF) e *satellite-framed* (SF). As línguas VF são aquelas que expressam alguns significados associados à



direção do movimento (*Path*) no verbo, como no português: *entrar, sair, subir, descer*. Observa-se que em línguas desse tipo a noção da direção do movimento está na própria estrutura verbal, sendo redundante se dizer *sair para fora*, porque *sair* já significa, por si só, movimento *para fora*. Já as línguas SF têm a tendência de expressar a direção do movimento por meio de uma frase preposicional (PP), incluindo partículas associadas ao verbo, como no inglês: *go in, go out, go on, go down*. Observa-se que as línguas SF não apresentam flexão na estrutura do verbo na sua organização morfossintática, mas o verbo é obrigatoriamente seguido de uma partícula (satélite) que é o elemento léxico/gramatical que traz a carga semântica da direção do movimento.

Segundo Sampaio, Silva e Sinha (2005), uma língua VF dispõe de um sistema em que a direção do movimento está expressa no verbo principal da sentença, por outro lado o modo do movimento fica expresso em um verbo que não indica a direção, enquanto que a maneira (*manner*) como acontece o movimento, geralmente vem expressa por uma construção de gerúndio:

*O menino **saiu** da casa correndo.*

Nas línguas SF, o movimento e o modo estão no verbo principal, enquanto que a direção do movimento se dá numa partícula (satélite) associada ao verbo:

*The boy run **out** of the house (O menino correu **pra fora** da casa)*

Talmy (2000) endereça padrões tipológicos e princípios universais sublinhando a descrição dos eventos de movimento. Em particular, ele está interessado em questões às quais elementos semânticos, tais como movimento, direção, figura, terreno, maneira ou causa, são expressas por determinados elementos de superfície, tais como verbos, adposições, orações subordinadas ou satélites. Talmy (2000) assume que os eventos de movimento têm quatro partes constituintes, chamados de Figura, Terreno, Direção e Movimento. A Figura é um objeto que se move ou se encontra em um determinado lugar relacionado a outro objeto, o Terreno. O Movimento é caracterizado como a presença por si no evento do movimento ou localização. A Direção é o curso seguido ou espaço ocupado pela Figura com relação ao Terreno. Maneira e Causa são vistos como eventos externos distintos que podem ser configurados como co-



eventos para um evento de Movimento. A relação que tais co-eventos podem manter com os eventos de Movimento podem ser múltiplos, mas os principais discutidos por Talmy (2000) são a Maneira e a Causa.

De acordo com Talmy (2000), satélites não são categorias sintáticas particulares, mas se encontram em uma relação gramatical particular com o verbo. São caracterizados como constituintes imediatos da raiz do verbo, mas não são inflexões, auxiliares, ou argumentos nominais e assumem estarem relacionadas à raiz do verbo como elementos periféricos (ou modificadores) de um núcleo. Uma raiz verbal unida a este satélite, então, forma um constituinte, o “verbo complexo”.

Com relação à aquisição de línguas SF, como o inglês, e a formação de predicados tidos como complexos, Snyder (2001) foca seu trabalho nas estruturas argumentais, ou seja, estruturas que são tipicamente analisadas como predicados complexos ou construções oracionais menores. Alguns exemplos em Inglês são os resultativos (nos quais o verbo principal combina com a frase adjetival (AP), resultando a uma ação) – *John painted the house red* – e as construções verbo-partícula (nos quais o verbo principal combina com uma partícula pós-verbal) – *Mary **picked up** the book* ou *Mary **picked** the book **up***. Em ambos os exemplos das construções verbo-partícula, um verbo principal combina com um predicado secundário para formar uma nova expressão que semanticamente se assemelha a um simples verbo.

Dado que as línguas românicas sistematicamente carecem de construções verbo-partícula e outras construções que são comumente analisadas como predicados complexos, Snyder (2001) conclui que predicados complexos do tipo encontrado no inglês são semanticamente excluídos destas línguas românicas, como é o caso do português.

Snyder (2001) mostra que as construções que envolvem a formação de predicados complexos, na sintaxe de uma dada língua que permite esse tipo de derivação, são adquiridas como um grupo. Ele propõe a disponibilidade morfológica da composição produtiva da raiz (verbo), ou seja, a disponibilidade marcada na sintaxe para a produção de complexos sejam eles adjetivais, preposicionais, nominais ou verbais, como um pré-requisito crucial para a emergência de predicados complexos tais como os *chunks* em análise neste trabalho. Tais composições se dão sem que haja mudança da classe morfológica do elemento raiz. Por isso tais compostos são nomeados como endocêntricos, uma vez que a raiz determina a classe do composto. Por exemplo, no inglês é possível termos formas como *tea cup*, onde *cup* é a raiz,



que compondo-se com o modificador nominal *tea*, permanece inalterada em sua classe morfológica, i.e., permanece como um nome. Isto é expresso pelo parâmetro de composição.

Parâmetro de Composição (Snyder, 2001, 328)

A gramática [não licencia, licencia] formação de compostos endocêntricos durante a derivação sintática. [valor não marcado]

Tal relação apresenta a seguinte previsão. Primeiro, a disponibilidade de predicados complexos e a disponibilidade de raízes (verbos) produtivas deveriam ser modelos próximos para a composição de uma língua em particular. Segundo, na aquisição do inglês como primeira língua, por crianças, a idade na qual tais predicados complexos são usados produtivamente num primeiro momento deveria ter uma correspondência próxima à idade na qual a composição de raízes (verbos) é produzida. Snyder mostra que ambas previsões são relevantes.

Segundo Snyder (2001), línguas com um aspecto positivo de parâmetro de composição, como o Inglês, empregam produtivamente os compostos N-N e podem também criar novos compostos endocêntricos de raiz, como mencionado acima. A título de exemplo temos:

banana box

Línguas com um aspecto negativo de parâmetro de composição, como o português, não (pelo menos produtivamente) permitem tais composições. A título de exemplo temos

\*caixa banana

Nesse caso, seria necessária uma construção exocêntrica, do tipo [N[Prep N]].

Snyder (2001) mostra que as construções que envolvem formação de predicados complexos em sintaxe são adquiridos como um grupo – *chunk* – nas línguas que permitem esse tipo de derivação. O autor afirma que as mesmas línguas que permitem tais tipos de composição empregam produtivamente construções verbo-partícula e resultativos adjetivais. Desse modo, Snyder disponibiliza evidências a respeito da aquisição do inglês, afirmando que estes tipos de formação de predicados complexos são adquiridos logo depois que os compostos endocêntricos de raiz são adquiridos.



Snyder (2001, p.19) aborda características semânticas que unificam as construções de predicados complexos, os quais derivam de uma possibilidade de composição semântica disponível em compostos endocêntricos. Nessa perspectiva, o autor, abordando a restrição no modo de composição semântica, propõe a Restrição do Predicado Complexo nos mostrando que duas expressões sintaticamente independentes podem conjuntamente caracterizar o tipo de composto endocêntrico em um ponto de interpretação semântica.

De acordo com a explanação de Snyder (2001) a respeito da Restrição do Predicado Complexo, pode-se fazer a seguinte análise: na frase “*John **went out** of the class furiously*”, tomando aqui a terminologia de Parsons (1990, apud Snyder, 2001, p.19), observa-se uma subparte “*development*” (a ação representada pelo verbo ‘go’) e uma subparte “*culmination*” (o evento, caminho, descrito pela partícula ‘out’). Ambos, ‘go’ e ‘out’ participam da caracterização do tipo de evento descrito pela expressão. Nesse caso ‘go’ contribui com o desenvolvimento e ‘out’ contribui com a culminação, de uma realização de um tipo de evento.

Segundo Snyder, essa relação entre ‘go’ e ‘out’ só é possível se estas partículas forem subpartes de um composto endocêntrico em um ponto de interpretação semântica. Ainda, essas expressões funcionam claramente de forma independente na sintaxe, como evidenciado pelo fato que elas são descontínuas na estrutura da superfície da sentença. Dessa forma, a formação de compostos endocêntricos relevantes devem se estabelecer durante a derivação sintática, e tal formação de compostos na sintaxe é precisamente possível porque o inglês toma o aspecto tratado no “Parâmetro de Composição” citado anteriormente.

Snyder (2005) argumenta que as línguas com um aspecto positivo quanto ao parâmetro de composição são as mesmas línguas que são agrupadas como SF por Talmy, enquanto aquelas línguas com aspectos negativos coincidem com as línguas VF. Essa correlação permite estender o parâmetro de composição para construções envolvidas na descrição de eventos de Movimento. Snyder mostra que isto é sustentado pelos fatos da aquisição, uma vez que as primeiras combinações da Maneira dos verbos de movimento com frases preposicionais dentro de predicados complexos se correlacionam muito proximamente aos primeiros usos dos novos compostos N-N.





#### 4.3 Aprendizagem da L2 via *chunks*

Pesquisadores interessados na aquisição de L2 têm estudado os processos que levam ao aprendizado; dentre estes grande ênfase tem sido dada aos processos que levam à transferência de L1 para L2. Segundo Ellis (2003, p.70), os aprendizes de inglês L1 desenvolvem padrões que são frequentemente baseados em *chunks* de palavras ou frases os quais contém espaços que podem ser preenchidos por uma variedade de palavras, por exemplo, subgrupos de substantivos ou verbos ( *I don't + Verbo; I can't + Verbo; Where's + Substantivo + gone?*). Ellis (2003) propõe essa sequência na aquisição de L1 e, segundo Moraes Bezerra (2003), são modelos como esse, relacionados ao processo de aquisição de L1, que têm sido tomados em pesquisas na área de aquisição de L2.

Pensando na construção do conhecimento lingüístico de não-nativos, Selinker (1992) propõe o conceito de *Interlíngua*. Este autor apresenta alguns modelos teóricos sobre os estudos de aquisição/aprendizagem de L2, modelos estes que têm focado a interlíngua durante as últimas décadas. Um modelo teórico tratado pelo mesmo autor e que fora proposto por Lado<sup>7</sup> (1957, *apud* SELINKER, 1992) é a chamada *transferência entre línguas*.

A transferência entre línguas (*language transfer*) e a influência que há entre línguas (*cross-linguistic influence*) são comumente empregadas em pesquisas em L2. Segundo Odlin (2003, p. 436), “a transferência é a influência que resulta nas similaridades e diferenças entre a língua alvo e qualquer outra língua que tenha sido previamente adquirida”<sup>8</sup>.

De acordo com Ellis (2003), vale ressaltar que a aquisição de uma L2 é diferente da aquisição de uma L1 em vários aspectos, sendo um destes a transferência que pode ser feita da L1 para a L2. Nesse caso, adultos têm já adquirido conhecimento de categorias sintáticas abstratas e itens lexicais em sua L1, e esse conhecimento pode guiar a combinação na interlíngua com a L2 em vários aspectos, podendo estes serem bons (transferência positiva) ou ruins (transferência negativa).

A comparação da interlíngua com a L1 e a L2 tem certas limitações, especialmente com relação à transferência positiva. Segundo Odlin (2003), se a L1 e a L2 mostram pouca ou

---

<sup>7</sup> LADO, Robert. *Linguistics across cultures: Applied linguistics for language teachers*. Ann Arbor: Michigan University Press, 1957.

<sup>8</sup> “Transfer is the influence resulting from the similarities and differences between the target language and any other language that has been previously (and perhaps imperfectly) acquired”.



nenhuma diferença em alguma estrutura comum a ambas, qualquer padrão de transferência positiva não deveria diferir muito, e qualquer diferença que se encontre nos padrões de interlíngua, nestes casos, não dirá muito a respeito da transferência. Isso resulta no interesse por se entender outros fatores na aquisição de uma L2.

Segundo Ellis e Ferreira-Júnior (2009), outros fatores responsáveis por guiar a aquisição seriam a frequência, a genericidade semântica, e a prototipicidade. Ellis e Ferreira-Júnior argumentam que fatores baseados no uso (frequência) e escopo semântico (genericidade e prototipicidade) contam para a aquisição de construções verbais específicas por aprendizes.

Com relação à aquisição de verbos, Ellis e Ferreira-Júnior (2009) argumentam que os aprendizes, em um processo de aquisição naturalístico, aprendem primeiro os mais frequentes, prototípicos e genéricos. Segundo os autores, formas mais salientes são mais fáceis de serem adquiridas por aprendizes de inglês como L2, enquanto outras formas são ofuscadas e até bloqueadas dificultando a aquisição.

De acordo com Ellis (2003), para que uma sentença seja aprendida é necessário, por parte do aprendiz, uma repetição contínua. À medida que o aprendiz é exposto à língua, o desempenho é desenvolvido em diversos patamares: a proporção do léxico corretamente empregado, a produção acurada de sentenças e expressões, uso apropriado de bigramas e trigramas<sup>9</sup>, e a conformidade na probabilidade sequencial a nível de letras, palavras e frases. Segundo o autor, as sequências ortográficas, assim como os *chunks*, que são repetidos durante o processo de aprendizagem, são lembrados mais facilmente.

Segundo Newell (1990, *apud* Ellis, 2003, p.76)

um *chunk* é uma unidade da organização da memória, constituído pela junção de um grupo de elementos já formados (os quais podem ser *chunks*) na memória e os unindo numa unidade maior. *Chunking* consiste na habilidade de construir tais estruturas repetidamente, conduzindo assim a uma organização hierárquica na memória. *Chunking* parece ser um aspecto comum da memória humana<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> As letras podem co-ocorrer em bigramas, trigramas e outras regularidades ortográficas. (Ellis, 2003, p.75)

<sup>10</sup> A chunk is a unit of memory organization, formed by bringing together a set of already formed elements (which, themselves, may be chunks) in memory and welding them together into a larger unit. Chunking implies the ability to build up such structures recursively, thus leading to a hierarchical organization of memory. Chunking appears to be a ubiquitous feature of human memory.



*Chunks* formados por verbos, como o verbo *get* com o qual trabalharemos nessa pesquisa, são mais difíceis de serem aprendidos devido a possibilidades de várias entradas com determinados verbos. Segundo Ellis (2003) há construções que são mais abstratas como aquelas que indicam um movimento atribuído pelo verbo + *path* (trajetória). No exemplo “If we get off early from work, we’ll go fishing” nós apenas saberemos o significado do *chunk* presente na frase se memorizarmos tal construção. De acordo com Ellis (2003), o aprendizado de construções abstratas é mais intrigante, iniciando com um *chunking* e uma fórmula que provém da memória.

O verbo *get*, por ser um verbo que necessita de um *path* (partícula de movimento) ligado a ele para que o sentido seja estabelecido, exige do aprendiz um maior conhecimento da língua inglesa. Dessa forma, fatores que influenciam neste processo, tido como fatores psicolinguísticos – relacionados à frequência de ocorrência dos elementos da língua, assim como a sensibilidade em se associar certos atributos a certas coisas através do uso que fazemos da língua –, conspiram na aquisição e no uso de qualquer construção linguística, dentre estas as construções destes *chunks*. Como dito anteriormente, outro fator que contribui para esse aprendizado é a repetição devido ao fato de que os *chunks* ativam representações de significado que tornam a sequência mais saliente nas entradas com determinados verbos. Quando o aprendiz usar esses *chunks* novamente, eles tendem a salientá-lo como unidade.

Pode-se dizer que a frequência promove o aprendizado e, segundo Ellis (2002a, p.146), a psicolinguística demonstra que os aprendizes de uma língua são requintadamente sensíveis às entradas em todos os níveis, isto é, aprendemos a classificar os elementos de nosso mundo sem sermos instruídos para tal, apenas pela frequência com a qual ouvimos e vemos.

De acordo com alguns teóricos, é possível observar que aprendizes de todos os níveis de proficiência são vistos como memorizando *chunks* de alta frequência que contribuem para a formação das categorias de protótipos funcionais. Essa memorização de *chunks* pode servir de auxílio aos aprendizes na aquisição da L2, o que deve ser tomado com certo cuidado para que os significados de exemplares da L1 não sejam simplesmente *transferidos* para a L2, esquecendo-se da diferença existente entre as línguas. O hábito de comparação de palavras e expressões na língua inglesa pode levar o aluno a interpretações confusas, induzindo-o a erros. Estes erros podem ser gráficos, fonológicos, gramaticais e/ou léxico-semânticos.



Sendo assim, torna-se relevante entender melhor o processo de aquisição, uso e compreensão de *chunks*, no caso de nosso trabalho *chunks* formados pelo verbo *get*, por aprendizes de Inglês como L2, além de compreender questões ligadas à natureza da linguagem, da aprendizagem humana e mesmo em relação à comunicação.

## 5. Metodologia

### 5.1 Participantes

Nosso trabalho tomará como sua base de dados produções linguísticas de 52 alunos/aprendizes de inglês como L2, estudantes do curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG e Universidade Federal de Ouro Preto/UFOP. Todos os participantes são falantes nativos do Português e têm esta como a língua falada no dia-a-dia como meio de comunicação. Estes aprendizes estão classificados em um nível intermediário avançado de aprendizado e têm, provavelmente, quatro anos de estudo da língua Inglesa em contexto de sala de aula.

Os dados foram obtidos através dos participantes e por meio de uma gama de atividades que buscaram estimulá-los a criar determinadas produções, por meio de insumos escritos, orais ou visuais, almejando o uso de construções – *chunks* – com o verbo *get*. Estas atividades incluíram descrição de figuras e observação de um filme e recontagem de sua história por escrito. A regra da língua portuguesa L1 e da língua inglesa L1 foi tomada para servir como um comparativo com a produção dos falantes de Inglês L2.

### 5.2 Procedimentos

A produção escrita dos dados produzidos pelos participantes foi recolhida por meio de duas sessões que consistiram, como dito anteriormente, na descrição de figuras e observação de um filme e recontagem da história por escrito. Enquanto nenhum procedimento possa infalivelmente eliciar as estruturas que desejamos que os participantes produzam, as atividades foram criadas e desenhadas para disponibilizar contextos que encorajassem os alunos na construção de sentenças com *chunks* com verbos de movimento. Os verbos de



movimento foram disponibilizados, de forma implícita ou explícita, em ambas as figuras e filme, de maneira que os participantes não criassem sentenças que fugissem do nosso propósito. Distratores não foram usados, de forma que todos os contextos descrevessem ou representassem cenas comumente expressas por verbos de movimento.

A primeira sessão para a compilação do corpus consistiu na tarefa de *fill in the blanks*. Foi entregue aos participantes 13 imagens as quais indicavam um movimento expresso pelos personagens apresentados. Juntamente com estas, apresentamos sentenças as quais os participantes deveriam completar usando o verbo que melhor se enquadrasse com relação à ação desempenhada pelo personagem presente na imagem.

A segunda sessão para a compilação do corpus consistiu na tarefa de observação de um pequeno filme, o qual expressa movimento, e recontagem da história pelos participantes. Nessa recontagem, observamos os possíveis usos de *chunks* formados pelo verbo *get* seguido por partículas indicando o caminho explicitado. O filme utilizado para esta tarefa foi o *The Pear Film*, um filme de seis minutos de duração desenvolvido por Wallace Chafe em 1975 na Universidade da Califórnia. Este filme está disponível em <<http://www.linguistics.ucsb.edu/faculty/chafe/pearfilm.htm>>.

Nessa perspectiva, observamos a capacidade de uso de *chunks* (produção linguística) formados pelo verbo *get* + *Path*, por aprendizes de inglês como L2, levando em consideração o fato de que o inglês é uma língua *Satellite-framed*, assim como explicitado por Talmy (2000).

Como corpora de comparação, utilizamos transcrições de narrativas desenvolvidas a partir da recontagem da *Pear Story* tanto por falantes de inglês L1, quanto por falantes de português L1. As narrativas dos falantes de inglês L1 foram obtidas por meio do site “*The Chinese Pear Story*”, disponível em <<http://www.pearstories.org/english/english.htm>>. Nesse site foi possível encontrar transcrições de 20 narrativas, um número comparável com o que será compilado em nosso trabalho.

Dado o fato de não encontrarmos corpora de falantes de português L1 comparáveis ao corpus a ser compilado nessa pesquisa, decidimos coletar as narrativas dos alunos/participantes também em português. Essa coleta se deu da mesma forma que foi compilado o corpus de estudo. Assim, conseguimos o minicorpus das narrativas em três versões, o que nos possibilitou, a partir dos resultados encontrados, fazer uma análise comparativa das formas e suas frequências, além de termos acesso à produção em língua





portuguesa L1 e cotejá-la com aquela em língua inglesa L2 em busca de marcas de transferência e interlíngua.

A natureza de nossa pesquisa é empírica com eliciação de dados a partir da exibição de figuras e de um filme que trazem em sua estrutura conceitual ações desempenhadas por construções verbais de movimento. Não objetivamos fazer nenhum procedimento experimental com intuítos de mensuração perceptual. Nosso interesse neste trabalho circunscreve-se a tarefas de produção.

A transcrição dos dados obtidos através da produção dos aprendizes foi analisada por meio do software TextSTAT. O TextSTAT é um programa muito simples para análise de textos, o qual possui a capacidade de ler textos completos (em diferentes codificações) e arquivos em HTML (diretamente da internet), além de produzir listas de frequência de palavras e concordâncias. O TextSTAT lê as páginas especificadas pelo pesquisador e as salva em um TextSTAT-corpus. Para fazer o download do TextSTAT basta acessar o link <<http://neon.niederlandistik.fu-berlin.de/en/textstat/>>.

Após este tratamento de frequência, nosso próximo passo será analisar os dados estatisticamente para se observar a associação entre pares de eventos. Para tal, faremos uso do teste do chi-quadrado. De acordo com Ellis e Ferreira-Júnior (2009), dentro da Lingüística de Corpus, um conjunto de medidas de associação como estas têm sido desenvolvidas para o caso particular de se determinar a co-ocorrência das palavras e outros elementos lingüísticos tais como construções. Dessa forma, este será o teste que usaremos em nossos dados.

A coleta, transcrição e análise do minicorpus embasará esta pesquisa, no sentido de que apresentará a capacidade de aprendizes não-nativos em usar tais construções/*chunks* formados pelo verbo *get* mais a partícula que indica o caminho/*path* explicitado em situações que expressam o cotidiano.

## 6. Considerações finais

Como nosso trabalho ainda está em fase de execução e análise, não temos dados concretos a serem apresentados, mas buscamos evidências que nos faça observar como se dá o uso de *chunks* com o verbo *get* por aprendizes/falantes de inglês como L2.

Por ser este um trabalho lingüístico, cuja preocupação de fundo é a aquisição de L2, todos os dados serão analisados e confrontados com teorias que tratem da hipótese central da





interlíngua, ou seja, a transferência, assim como teorias que tratem da aquisição de construções/*chunks* – padrões recorrentes dos elementos linguísticos que servem a algumas funções linguísticas bem definidas. Também faremos uso de teorias relacionadas às línguas *satellite-framed* e *verb-framed*, teorias estas que embasam esta pesquisa, tudo isso seguindo a perspectiva da Linguística de Corpus, buscando, ao final, traçar algumas considerações e conclusões.

## Referências

- BEAUMONT, Digby; GRANGER, Colin. *English Grammar: An Intermediate Reference and Practical Book*. New Edition. Oxford: Ed. Heinemann, 1992. 352 p.
- BIBER, Douglas *et al.* *Grammar of Spoken and Written English*. 7. ed. England: Ed. Longman, 2007. 1204 p.
- BIBER, Douglas; CONRAD, Susan; LEECH, Geoffrey. *Student Grammar of Spoken and Written English*. 9 ed. England: Ed. Longman, 2010. 487 p.
- CELCE-MURCIA, Marianne; LARSEN-FREEMAN, Diane. *The Grammar Book: An ESL / EFL Teacher's Course*. 2. ed. USA: Ed. Heinle & Heinle, 1999. 855 p.
- CHANG, Fang; BAO, Yun-liang. Language chunks and college English writing. *Sino-US English Teaching*, USA, v.5, n.2, 2008. Disponível em: <<http://www.linguist.org.cn/doc/su200802/su20080201.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2010.
- ELLIS, N. C. Constructions, Chunking, and Connectionism: The emergence of second language structure. In: DOUGHTY, Catherine J.; LONG, Michael H. (Ed.). *The Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 63-103.
- ELLIS, N. C. Frequency effects in language processing: A review with implications for theories of implicit and explicit language acquisition. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 24, n. 2, p. 143-188, 2002a. Disponível em: <<http://www.lotschool.nl/files/schools/archief/Winterschool%20Nijmegen%202007/dabrowska/Ellis%202002.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2010.
- ELLIS, N. C.; FERREIRA-JUNIOR, F. Construction and their acquisition. Islands and the distinctiveness of their occupancy. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, v. 7, p. 187-220, 2009. Disponível em: <[http://web.mac.com/ncellis/Nick\\_Ellis/Publications.html](http://web.mac.com/ncellis/Nick_Ellis/Publications.html)>. Acesso em: 12 jun. 2010.
- \_\_\_\_\_. Construction Learning as a Function of Frequency, Frequency Distribution, and Function. *Modern Language Journal*, v. 93, n. 3, p. 370-385, 2009. Disponível em <[http://web.mac.com/ncellis/Nick\\_Ellis/Publications.html](http://web.mac.com/ncellis/Nick_Ellis/Publications.html)>. Acesso em: 12 jun. 2010.
- LADO, Robert. *Linguistics across cultures: Applied linguistics for language teachers*. Ann Arbor: Michigan University Press, 1957.



- MORAES BEZERRA, Isabel Cristina Rangel. Aquisição de Segunda Língua: de uma perspectiva lingüística a uma perspectiva social. *Revista SoLetras*, Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, v. único, n. 5 e 6, 2003. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/5e6/03.htm>>. Acesso em: 28 Jul. 2009.
- MURPHY, Raymond. *Essential Grammar in Use: A self-study reference and practice book for elementary students of English*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. 300 p.
- MURPHY, Raymond. *Essential Grammar in Use: A self-study reference and practice book for intermediate students of English*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. 379 p.
- NELSON, Peta L. *Grammar is Great*. 4. ed. Oxford: Ed. Heinemann, 1996. 256 p.
- NUNAN, D. Case Study. In: \_\_\_\_\_. *Research Methods in Language Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 74-90.
- \_\_\_\_\_. Introspective methods. In: \_\_\_\_\_. *Research Methods in Language Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 115-135.
- ODLIN, Terence. Cross-Linguistic Influence. In: DOUGHTY, Catherine J.; LONG, Michael H. (Ed.). *Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 436-486.
- SAMPAIO, W.; SILVA, V.; SINHA, C. Espaço e Movimento em Amondawa: Violando a tipologia. *Pesquisa & Criação*, Porto Velho: PROPEX/EDUFRO, n. 4, p.130-136, Ago. 2005.
- SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004. 412 p.
- SELINKER, L. *Rediscovering Interlanguage*. 2. ed. New York: Longman, 1992. 288 p.
- SNYDER, W. On the nature of syntactic variation: Evidence from complex predicates and complex word-formation. *Language*, v. 77, p. 324-342, 2001. Disponível em: <<http://web2.uconn.edu/snyder>>. Acesso em: 15 Set. 2010.
- SNYDER, W.; LILLO-MARTIN, Diane. Motion Predicates and the Compounding Parameter. *Nanzan Linguistics*, Nagoya, Japan: Center for Linguistics, Nanzan University, n.2, p. 103-105, 2005. Disponível em : <<http://web2.uconn.edu/snyder>>. Acesso em: 15 Set. 2010.
- TALMY, L. *Toward a cognitive semantics: Concept structuring systems*. Volume 1. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Toward a cognitive semantics: Typology and process in concept structuring*. Volume 2. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- TAGNIN, Stella O. *O jeito que a gente diz: Expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal Editora, 2005. 120 p.
- VINCE, Michael. *Language Practice: Reference and Practice for Intermediate Students of American English*. Oxford: Ed. Macmillan, 2000. 266 p.
- \_\_\_\_\_. *Elementary Language Practice*. Oxford: Ed. Macmillan, 1999. 256 p.